

**CAMINHOS PERCORRIDOS POR UMA PESQUISA COM O TEATRO NA ESCOLA ... APRENDENDO A APRENDER E A INTERAGIR COM O OUTRO**  
**SILVEIRA, Fabiane Tejada da\*** – UFPel  
**GE-01: Educação e Arte**

**As intenções com a pesquisa**

Meu principal objetivo com esta pesquisa<sup>1</sup> na escola, foi identificar, nas atividades teatrais propostas pela professora de teatro, os mecanismos que desencadeiam aprendizagens durante o exercício com o pensamento dramático e, principalmente, o papel da intervenção dos alunos-atores na promoção de tais mecanismos. Acredito que não seja possível examinar as ações em um determinado contexto, se não for, num certo sentido, sempre participante.

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam suas ações individuais (CHIZZOTTI, 2005, p. 83).

Na perspectiva de um paradigma com base filosófica inspirada na fenomenologia e na hermenêutica, fui realizando uma investigação aberta, também fundamentada no pensamento freireano, que centra no ser humano a necessidade de reconhecer-se para produzir o mundo em que vive e nele produzir-se, sem ignorar o contexto histórico e social em que está inserido

Todo o conhecimento construído com o olhar a partir desse paradigma é de caráter autobiográfico e auto-referenciável, permitindo a apreensão do sentido subjetivo do campo de pesquisa, a interação comunicativa e o diálogo. Vivemos em nossa profissão relações bastante singulares e complexas, que mereceriam muito a nossa atenção, no

---

\* Grupo de Pesquisa: Filosofia, Educação e Práxis Social-FAE/UFPel; Acadêmica do PPGE-Fae/UFPel  
Orientador: Gomercindo Ghiggi.

<sup>1</sup> Reflexão construída a partir da análise de uma das etapas da pesquisa de dissertação de mestrado da autora.

entanto entendo que, no momento de definir o foco de pesquisa, devemos escolher um recorte do cotidiano que venha nos construindo, mobilizando nossos interesses enquanto sujeitos envolvidos nos processos educativos.

Através das observações nas aulas de teatro de uma escola particular de Pelotas-RS, pude registrar os momentos de interação e aprendizagem entre os alunos e a professora, proporcionados por esta forma de expressão artística, elementos que sustentam o enfoque principal de pesquisa. Utilizei um caderno onde registrava, a cada encontro, todas as atividades desenvolvidas. Transcrever fielmente o que acontecia durante os encontros foi meu primeiro desafio. Logo após, analisava as transcrições, procurando compreender os aspectos presentes, naquela experiência, que atendiam aos objetivos do trabalho.

Quando cheguei para o meu primeiro encontro na escola, fui recebida por uma moça atenciosa e simpática. Ela disse que a professora estava me aguardando na biblioteca, me mostrou onde ficava apontando com gestos para o local, para o qual me dirigi.

A professora estava fazendo um lanche, quando nos esbarramos na porta da sala. Fui recebida com um abraço saudoso e apertado. Ela foi minha aluna na universidade; não mudou quase nada, continua falante e simpática. Procurei ser pontual em relação ao horário que combinei com ela por telefone. Eram 15h 45min e sua aula havia acabado às 15h 30min. Conversamos até às 17h 50min, horário que combinamos acabar o encontro, porque a professora teria aula novamente as 18h.

Foram horas muito agradáveis, nem senti o tempo passar. Com exceção dos momentos finais do encontro, em que ela me levou para conhecer todos os espaços físicos da escola, ficamos conversando na biblioteca, enquanto ela montava o painel para as confraternizações da Páscoa. O momento foi muito descontraído. Quando apareciam alunos que faziam parte das oficinas de teatro, a professora me apresentava, dizendo: *Esta foi minha professora de teatro! Ela vai observar nossas aulas, veio nos visitar!*

A escola está situada no centro de Pelotas, ocupando um dos prédios antigos (construído no século XIX em estilo neoclássico) que compõem o bellissimo patrimônio cultural da cidade. É formada por três prédios, e este em que realizei minhas observações é o principal, onde ficam a maioria das salas de aula, laboratórios e biblioteca, além de todo o

setor administrativo da escola. As salas, mesmo com paredes antigas, foram adaptadas para receberem ar-condicionado.

Um dos prédios é do Centro Esportivo e o outro da Educação Infantil, local onde começou a escola (iniciou como escola de educação infantil). É uma escola particular que comemora 15 anos de existência. Funciona principalmente no período diurno, com ensino fundamental e médio; no noturno funciona somente dois dias, com o ensino técnico profissionalizante. Possui laboratórios de física, química e informática, sala de artes, uma pequena quadra de esportes no pátio e um amplo salão no último pavimento, onde ocorrem oficinas de dança, teatro, entre outras atividades. A escola tem em torno de 600 alunos, um bibliotecário, 54 professores e mais ou menos 15 funcionários, entre cargos administrativos e os de limpeza.

A disciplina de Artes existe em todas as séries até o primeiro ano do ensino médio. A professora contou que já existiu a disciplina até o segundo ano do ensino médio, que até um ano atrás era a última série da escola; este ano é o primeiro ano da 3ª série do ensino médio. A escola adota o método de ensino do POSITIVO (elaborado na cidade de Curitiba -PR). Existe uma apostila nova para cada bimestre, sendo que na mesma apostila há o conteúdo para todas as áreas de conhecimento trabalhadas em uma mesma série. Para o ensino da arte, o enfoque principal é dado às artes visuais, porém faz links com o teatro, a dança e a música, além de buscar um trabalho conectado a outras áreas do conhecimento.

Segundo a professora, os alunos “identificam”, no conteúdo de artes visuais, conteúdos que estão aprendendo em geografia, história... O material para as aulas de artes é solicitado no início de cada semestre e a professora da área é encarregada da distribuição e controle de estoque.

A professora com quem realizei a pesquisa ministra oficinas de teatro e dança, e como essas atividades funcionam após o período regular de aula, à tardinha e à noite, a escola fica vazia e as aulas podem ser dadas até no pátio.

Eu e a professora conversamos na biblioteca, enquanto ela pintava um painel sobre a Páscoa. O painel mostrava a “família coelho”: pai coelho, mãe coelha, com seus dois filhinhos, a coelhinha e o coelhinho; os rostos das “personagens” eram vazados, para as crianças ou professoras colocarem os seus rostos ali e tirarem uma foto. A professora comentou que gosta muito de trabalhar com as atividades de “decoração” ou “elaboração de

cenários” para as atividades comemorativas da escola. Ela fez questão de dizer que não se sente desprestigiada como professora de Artes por fazer tais atividades. Acredita que nas horas em que é contratada para realizar essas atividades, faz um exercício de experimentação, até para futura confecção de cenários dos “espetáculos” teatrais.

Em toda nossa a formação acadêmica (refiro-me à formação de professores de Artes), pelo menos a dos últimos 10 anos, vivemos “brigando” como professores de Arte, para não sermos mais os decoradores de escola, os fazedores dos cartazes dos dias dos Pais, Mães, dia de Natal e Páscoa, ou Dia do Índio, da Árvore, etc...

Esta briga tem repercutido nos cursos de formação, para retomarmos os verdadeiros objetivos do ensino da arte na escola. Lutamos para mostrar que a arte tem um fim em si mesma, seu ensino na escola tem objetivo específico, e não pode estar na instituição escolar apenas para servir outras áreas do saber, ou como mero “objeto decorativo”.

Embasada nesses argumentos, acredito que a professora deixa de lado essa postura da academia, pois não se nega em trabalhar a serviço de festas, porém demonstra ter clareza sobre o papel de sua área de conhecimento dentro da escola. Ela mostra-se feliz em participar da organização das “festas” e das “decorações”, no entanto conseguiu mais tempo na carga horária do currículo para a área de artes (cabe considerar que as horas de trabalho da professora dedicadas às “atividades decorativas” são horas em que ela é remunerada para exercer tais atividades).

### **A participação nas aulas de teatro na escola**

Minha participação nas observações ocorreu em diferentes níveis, dependendo da dinâmica dos encontros e das oportunidades que tive para intervir no debate, cuidando sempre para não sobrepor minha avaliação à dos alunos e da professora. No primeiro encontro com o grupo de alunos, procurei expor minhas expectativas com o trabalho, conforme o fragmento a seguir, destacado do meu caderno de registro das observações<sup>2</sup>:

*Comecei a me apresentar dizendo que estava ali porque gostava de teatro como eles e estudava teatro. Observaria o trabalho da turma para realmente saber o que essa*

---

1 O que estiver escrito em itálico são registros de minhas observações.

*atividade tem de “importante” para eles. Neste momento um menino interrompe minha fala e diz: Ora! faz a gente rir. Sua espontaneidade demonstra a compreensão de uma das funções primordiais do teatro, o prazer que deve ter quem experimenta a experiência do fazer teatral. Comentei que ficaria três meses com eles, durante as aulas de teatro para realizar a pesquisa.*

*No final de minha apresentação, falei que, quando terminasse de escrever sobre nossos encontros, mostraria o trabalho para o grupo solicitando sua contribuição. Ainda destaquei que poderiam ficar bem à vontade para esclarecerem qualquer dúvida que tivessem em relação a minha participação nos encontros ou a outras coisas que eles considerassem importantes.*

*Observei, nesse dia, que os alunos ficaram curiosos com minha presença, escutaram atentamente tudo o que eu disse sobre o que estava fazendo ali. Notei que um dos alunos mais velhos ficava sempre ao meu lado, olhando para as coisas que eu escrevia no caderno de anotações. Não disfarçou e eu deixei que ele ficasse à vontade para ver meus apontamentos. Acredito que com essa atitude eu o tenha conquistado, pois, no decorrer do encontro, ele conversou comigo, tentando ajudar a destacar os detalhes de tudo que tinha acontecido durante os jogos. Acho que ficou claro para turma de que não haverá segredos para eles no trabalho que executo em nossos encontros.*

É importante salientar que, em muitos casos, a participação do professor em jogos de improvisação de cenas pode interferir na espontaneidade do grupo, que busca na “forma” de representação do professor um “modelo” a ser copiado. No entanto, o grupo parecia sempre muito à vontade com a minha presença, e, no segundo encontro, eu já identificava um sentimento de “pertencimento” ao grupo, na relação com a professora e os alunos. Destaco dos mesmos registros um momento significativo desse encontro, no que se refere a minha participação nas atividades da aula.

*Fui convidada pela professora para conduzir a caminhada no espaço da sala de aula, propondo espaços e sensações, para que os participantes procurassem se sentir nas circunstâncias propostas. Aceitei o convite, e conduzi o jogo. Me senti completamente inserida no grupo, pois coordenar essa atividade me incluiu no espaço do jogo, onde pude experienciar a troca com os demais integrantes do grupo.*

*Joguei praticamente toda aula. No início, como qualquer outro participante, e depois conduzi um processo importante para que o jogo acontecesse. Como a própria metodologia do jogo teatral sugere, nesse encontro deixei de ser platéia para assumir também o posto de jogadora. Esses momentos foram muito importantes para estabelecermos relações de entrega e confiança, sentimentos fundamentais para integrar nosso grupo de trabalho com meu processo de pesquisa.*

Suponho que conseguimos logo essa aproximação, porque o próprio ato de fazer teatro nos aproximava. O grupo demonstrava interesse nas minhas experiências com a linguagem teatral e eu sentia o mesmo em relação a eles. Minha participação foi sempre como colega que está ali para construir conhecimentos e aprender com o grupo, e não como detentora de um “saber-fazer” pronto, elaborado anteriormente. No terceiro encontro, exponho minha experiência com o “espetáculo teatral” em uma situação em que me senti instigada a colaborar com o grupo através de um depoimento:

*No terceiro momento da aula deste dia, foi quando ocorreu minha maior participação até agora, pois me senti instigada a contribuir com a reflexão sobre a avaliação, pois a professora lembrava que eu havia participado de alguns júris de festivais de teatro na cidade de Pelotas. Portanto, não pude deixar de fazer minhas observações sobre a questão. Procurei enfocar minha reflexão para o grupo na importância do processo no trabalho com o teatro na escola; destaquei o significado daquele momento que estávamos vivendo ali, das “oficinas” com os jogos teatrais, onde aprendemos a fazer teatro e a sermos pessoas melhores.*

*Comentei estar percebendo que durante os jogos eles se tornavam muito solidários e atentos às relações com o outro, atitude que todos os seres humanos deveriam ter. É claro que destaquei também que aquele era o meu ponto de vista.*

*Os alunos escutavam com atenção enquanto eu falava; brincaram comigo, comentando que se futuramente eu os encontrasse em algum festival deveria ajudá-los, dando boa nota para o grupo, pois “uma mão lava a outra”, e eles agora estavam me ajudando. Respondi que ajudaria toda vez que os encontrasse, sempre apontando os aspectos interessantes dos trabalhos e provocando-os com novos desafios, pois penso em discutir isso com todos os grupos de teatro que encontrar.*

*Lembrei da teoria de Paulo Freire, enquanto respondia ao grupo, pois esse autor nos fez pensar que a educação deve ser problematizadora, ou seja, aquela que coloca problemas, ao invés de resolvê-los, que enfatiza a importância de questionarmos a realidade conforme ela se apresenta para nós, e não de nos adaptarmos simplesmente às exigências primeiras que ela nos faz.*

*Talvez, nesse momento, eu tenha entendido a importância da observação participante, pois, com certeza, estarei levando muito desse grupo comigo; mas também é nesse encontro que deixarei alguma contribuição para essas pessoas que se dispuseram ao encontro. Seremos ambos tocados uns pelos outros, nos reconstruindo como sujeitos. E, principalmente, repensando o trabalho feito no coletivo, nos espaços de interação.*

Quando o período de observações terminaram, procurei me despedir deixando claro que a “porta ficava aberta”. No último dia, fiz os seguintes destaques:

*Lembrei ao grupo que seria minha última observação das aulas de teatro. Comentei que voltaria em algumas semanas, para contar como eu havia relatado em meu trabalho os encontros que observei, e ficaria um espaço para eles comentarem o que achavam. Destaquei que, quando retornasse, também devolveria aos entrevistados as transcrições das entrevistas, para que estes autorizassem ou não sua utilização.*

*A professora me abraçou e pediu que os alunos batessem palmas para mim. Alguns comentaram que eu tinha que voltar e não podia esquecer do grupo. Falei que voltaria com certeza e estaria sempre lembrando deles, pois, afinal de contas, ressaltai que também moro em Pelotas e poderia aparecer toda vez que tivesse uma oportunidade.*

*Procurei deixar claro que estava aprendendo com o grupo e que também esperava estar contribuindo, deixando algo para eles. Falei que, às vezes, dava minhas opiniões durante a aula, na tentativa de ajudar o trabalho a se desenvolver. Imagino que as relações entre as pessoas devam se dar a partir de trocas solidárias. Dei o exemplo: “Quando vamos visitar um amigo, o que esperamos encontrar na casa dele? Uma palavra carinhosa, um sorriso, um abraço ou até um doce gostoso, mas também levamos algo nosso para ele, uma boa conversa, um abraço ou até um presente, como uma flor. Quando vou embora, levo comigo as ‘coisas’ que ele me concedeu com carinho e também deixo algo meu para ele.” Concluí dizendo que esperava estar fazendo essa troca com o grupo.*

Sobre a aprendizagem que podemos fazer a partir desses encontros, Holliday comenta:

Devemos motivar-nos a aprender do que fazemos. A melhor maneira será tentando-o a partir de experiências muito concretas, simplesmente perguntando-nos diante delas: "O que posso aprender disso?". "Que ensinamentos me deixa?" A melhor motivação será descobrir que, efetivamente, as coisas que fazemos todos os dias estão cheias de ensinamentos e que, simplesmente, é preciso que nos proponhamos a aprender delas, fazendo perguntas a nossa prática (1996, p. 72).

### **As aprendizagens em grupo e as reflexões parciais**

Os jogos teatrais foram assumidos pela professora como sua principal metodologia de trabalho, observei que ela seguiu à risca as orientações de Viola Spolin quando se refere no livro *Improvisação para o Teatro* à importância de trabalhar com alunos-atores o **desenvolvimento sensorial**. A autora destaca que:

o grupo deve estar bastante solto e receptivo, pronto para uma curta discussão sobre os sentidos e seu valor como instrumentos. Quando for apontado que, no palco, purê de batatas é sempre servido como sorvete e que paredes de pedra são na verdade, feitas de madeira e tela, os alunos começarão a compreender como um ator através de seu equipamento sensorial (físico) deve tornar real para a platéia o que não é real (2005, p. 49).

Esse tipo de jogo explora a capacidade de concentração do aluno em um objeto, que é seu foco, nesse caso o rosto do colega. É importante destacar que as crianças estavam muito concentradas durante os jogos, principalmente se compararmos com outras circunstâncias em que as observamos fazendo atividades na sala de aula.

Segundo Duarte Jr. (1988, p.66), "somente quando se está profundamente interessado em algo (quando algo é percebido como importante à nossa vida) que nos atiramos à tarefa de conhecê-lo". Em relação a essa afirmação, destaco, no registro das observações, o texto a seguir. *As crianças demonstraram profundo interesse nas atividades que estavam realizando. Com uma música de fundo tocando no rádio da professora, a imagem deles, quase que acariciando com cuidado e delicadeza o rosto do colega, é*

*poética. Nessas relações começam a se construir as afinidades entre os membros do grupo, quebram-se os preconceitos do tocar e sentir o outro.*

O ponto de concentração, na metodologia de Viola Spolin, é o ponto focal, onde vai estar localizado o “problema” a ser resolvido, que pode ser em alguns momentos bem simples, como a manipulação de uma bola. Segundo Spolin, “ele se torna mais complexo na medida em que os problemas de atuação progridem, e com isto o aluno-ator será eventualmente levado a explorar a personagem, a emoção e eventos complexos” (2005, p. 21).

Foram propostos aos alunos atividades de caminhadas pelo espaço total da sala, a professora comenta comigo que está retomando a importância das relações **corpo x espaço**, que ela já havia começado a construir no início do ano com o grupo. Sendo assim, podemos identificar que este tipo de atividade, conforme é destacada na metodologia do jogo teatral, significa, “mais que exercícios de percepção sensorial, são maneiras orgânicas de perceber/ sensibilizar/ experienciar o ambiente (espaço) à nossa volta como uma dimensão atual na qual todos entram, comunicam, vivem e são livres” (SPOLIN,2001, p. 41).

Durante um dos encontros, um menino comentou: *com estes exercícios de expressão corporal, comecei a compreender melhor meus sentimentos, meu corpo, tudo aquilo que a gente não tem no mundo de hoje... Tu entras num mundo diferente, em que tu aprendes a fazer coisas.*

Outro complementa: *A gente se expressa mais aqui!* Essas falas mostram que os alunos sentem a necessidade de se “expressarem” mais, principalmente no âmbito escolar, onde normalmente eles devem assumir uma postura rígida, fechada, normatizada, para mostrarem como pensam. Muitas vezes, em momentos em que se apresentam mais espontâneos são rotulados de “bagunceiros”, “agitados”....

Segundo Gonçalves, “a forma de a escola controlar e disciplinar o corpo está ligada aos mecanismos das estruturas de poder, resultantes do processo histórico da civilização ocidental” (1994, p.33). Nos dias atuais a escola ainda reprime os movimentos espontâneos, não permitindo que o aluno revele nada de pessoal e subjetivo em suas ações. Para Gonçalves,

A aprendizagem de conteúdos é uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo, pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino,

que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo (1994, p. 34).

Em relação a essa discussão, a professora destaca: *quanto ao corpo, os alunos chegam extremamente tensionados. Nos primeiros momentos, os corpos são todos rígidos, a expressão corporal quase não existe. Só depois de muito, muito jogo, que eu sinto que parece que vai amolecendo. Eles vão soltando, libertando o corpo, as juntas parecem que ficam mais “molinhas”, como nós dizemos para eles.*

Portanto, cabe lembrar que uma das principais características da arte teatral está na capacidade de nos expressarmos com o **corpo todo**, "o corpo deve ser um veículo de expressão e precisa ser desenvolvido para tornar-se um instrumento sensível, capaz de perceber, estabelecer contato e comunicar" (SPOLIN, 2005, p.131).

Segundo Stokoe e Harf ,

Sem o corpo o homem não existe como tal; valorizamos o corpo à medida que contemplamos o ser humano enquanto entidade que deve desenvolver-se como estrutura integrada em movimento, e questionamos a progressiva dicotomização que nossa sociedade tende a fomentar entre nossas áreas psíquica e corporal (1987, p. 15).

No quarto encontro, como consta nos registros, a professora solicita, no início da aula, que *os alunos ainda sentados movimentem todo o corpo aceleradamente, com o objetivo de irem soltando todas as tensões diárias. No final dos movimentos desordenados, deveriam dar um grito. Todo mundo fez a atividade e deu muita risada, comentando que se alguém escutasse os gritos no prédio, achariam que tínhamos tido um “surto coletivo”.*

Os alunos realmente se movimentaram bastante e deram gritos no final. Nesse momento o grupo dá muita risada, pois parece que ficaram satisfeitos pelo **caráter inusitado** da atividade. Quando podemos gritar em uma atividade na escola, orientada pelo professor? Isso não é comum; os gritos são vistos como coisas ruins. Naquele momento, o grito foi importante, fez parte do processo. A seguir, trago novamente um texto do registro de observações.

Neste mesmo dia, *a professora pega uma folha de papel ofício e amassa bem, depois ela sugere que, a partir dessa folha, cada jogador crie um objeto para realizar uma ação. Exemplificando: o primeiro do círculo cria o objeto, modelando-o na folha de papel,*

*e elabora uma ação que ele possa desenvolver com esse objeto. Logo após, passa o mesmo objeto para o colega ao lado. Este deve utilizar o mesmo objeto criado pelo colega anterior, mas praticando outra ação, e depois transformar a folha num novo objeto, criando também uma ação para representá-lo. O próximo colega do círculo deve fazer o mesmo que o anterior e assim prossegue até que todos do círculo realizem ações com o objeto criado pelo colega ao lado e com o seu.*

*Surgiram vários objetos diferentes e várias ações associadas a eles. (Ex: binóculo e alguém olhando através dele o avião de papel que voou na ação anterior; guardanapo de boca e alguém limpando a boca após ter comido algo...). Na avaliação, a professora perguntou o que eles tinham achado do jogo. Alguns alunos comentaram que nem todos seguiram a regra, pois alguns jogadores não utilizaram o objeto criado pelo colega anterior, apenas criaram o seu e fizeram uma ação com ele. A professora pergunta qual a ação que eles mais gostaram. Um aluno responde: “Achei criativo o binóculo. Achei que o colega demonstrou bem o objeto que queria”.*

A atividade de modelagem de um objeto na folha de papel foi interessante. Alguns alunos criaram objetos mais próximos do formato da folha, como eu (fiz a ação utilizando a folha de papel como guardanapo de boca). Era mais fácil, talvez sejamos acostumados a nos remeter para os modelos mais "comuns", mais conhecidos, ações que muitas vezes se tornam mecânicas em nós. Talvez seja importante problematizarmos isso durante a avaliação do jogo.

Chamou a atenção de todos o menino que fez um binóculo, um objeto cuja forma não se aproxima à de uma folha de papel. Outro jogador observou que o colega "mostrou" melhor o objeto. Parece-me que o "mostrar melhor", nesse caso, estava relacionado com a **inovação**, inventividade na criação e utilização do objeto pelo seu colega.

Fugir do previsível e trabalhar com o pensamento que diverge do comum são características do jogo que podem mobilizar os jogadores para redimensionar as suas ações no mundo. A idéia de não aceitar o que é “comum”, o que “está pronto”, buscando sempre novas alternativas de responder a um desafio.

É importante destacar que houve a preocupação com o cumprimento da regra, pois ela faz parte do acordo de grupo para que o jogo aconteça. Essa questão mostra o valor dado pelos alunos às decisões grupais e ao respeito pelo processo. Segundo Spolin,

Qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado- um ponto objetivo com o qual cada indivíduo deve se envolver, seja para atingir o gol ou para acertar uma moeda num copo. Deve haver acordo de grupo sobre as regras do jogo e interação que se dirige em direção ao objetivo para que o jogo possa acontecer ( 2005, p. 5).

Um menino, quando é questionado sobre como é trabalhar com o teatro, responde: *Eu gosto porque lá a gente descontraí. Naqueles jogos que cada um vai construindo a história, muitas vezes a gente está num navio, quando vê já está dentro da água morto, de repente a gente renasce.* O jogo é visto aqui como um espaço de múltiplas possibilidades.

Considerei interessante o momento, pois ele faz com que eu reflita sobre o significado desse tipo de experiência. João Francisco Duarte Jr., no livro *Fundamentos Estéticos da Educação*, caracterizaria esse tipo de experiência como uma "experiência estética". Segundo este autor, "no momento da experiência estética ocorre um envolvimento total do homem com o objeto estético. A consciência não mais apreende segundo as regras da 'realidade' cotidiana, mas abre-se a um relacionamento sem a mediação parcial de sistemas conceituais" (1988, p. 91).

Em relação à possibilidade de o jogo teatral promover a **concentração** dos sujeitos envolvidos nessa atividade, relato mais uma experiência observada, ocorrida no último encontro que presenciei. *A professora comenta que vai fazer uma atividade para eles se concentrarem e relaxarem um pouco, pois estavam agitados. Sugeri que a turma se organizasse em duplas para fazer uma massagem. Um aluno deve massagear o outro nas costas. Enquanto um massageia, o outro fica sentado no colchonete, procurando manter a coluna reta. A professora orienta os passos da massagem, dizendo que ela deve começar pelos ombros e ir descendo até o final da coluna, sempre com o movimento suave das mãos de um colega nas costas do outro, para distensionar. Depois que os dois membros da dupla receberam a massagem, a professora perguntou como eles estavam se sentindo. Um menino comentou: Ah! Que Spa! Outro falou concordando: É bom mesmo!*

Nessa atividade, o grupo mostra mais uma vez se entregar por completo. Observo todos muito concentrados, aqueles que são massageados permanecem com os olhos fechados, demonstrando estar sentido prazer com a massagem do colega. A espontaneidade

das falas que surgem no final da atividade reflete isso. Mesmo os alunos mais jovens se dedicam a massagear o colega com muita concentração. O silêncio é absoluto.

Em momentos como esse, os alunos entregam-se à atividade e aos companheiros de jogo. Existe prazer, confiança, beleza, encontro consigo e com o outro. Pergunto a mim mesma: por que esses sentimentos não podem permear as atividades escolares? Daisy Maria Barella da Silva, em seu livro *Uma vida na escola em linguagem teatral*, me ajuda a refletir sobre essa questão quando afirma:

A beleza da vida não é uma metralhadora voltada contra a escola, contra o conhecimento. A vida não é inimiga da escola. Ao contrário, é com a vida que entramos nela, com a arte, com a beleza. No entanto, muitas vezes alunos e professores deixam-na, durante a aula, pendurada atrás da porta. A vida escolar que deveria estar perpassada pela arte, esmera-se em deixar a arte da vida excluída da escola (1999, p. 154).

É importante promover nas práticas escolares a aproximação entre os sujeitos, situações nas quais eles permitam sentirem-se uns aos outros, com confiança, respeito, carinho, entrega mútua, princípios importantes da educação ético-estética, tão proclamada por Freire, em que eu sou feliz com o outro. Observando essas crianças, eu diria, inspirada nas palavras de Paulo Freire no livro *Pedagogia da Indignação*: Temos que, em nossas práticas educativas, continuar anunciando "uma realidade menos feia, mais humana" (2000, p. 123).

Paulo Freire anunciou, na maior parte de sua obra, a esperança, a crença nas possibilidades de libertação dos oprimidos e opressores, a partir do respeito aos sujeitos na construção da realidade, na confiança da suas capacidades de resistência e luta. Contudo para a formação de sujeitos comprometidos com a libertação, precisamos refletir sobre a natureza ética de nossa ação política na sociedade. A realidade tem nos mostrado que a "onipresença" da racionalidade instrumental nas relações humanas acaba por levar a humanidade a sua decadência, portanto o resgate da dimensão sensível do humano é urgente e necessário em qualquer espaço de formação.

Em um dos encontros durante um exercício de relaxamento, observei a turma muito concentrada, todos procurando desenvolver os passos do exercício enunciados pela professora, como descrevo no seguinte texto do registro das observações. *Ela solicita que*

*os alunos formem duplas; logo após indica que um integrante da dupla deite no colchonete de barriga para cima. O segundo integrante da dupla deve sentar atrás da cabeça do primeiro e massageá-lo nas têmporas e no couro cabeludo. Depois que toda turma já está organizada nas duplas, a professora, com voz suave, vai orientando a massagem: reconheçam o desenho do rosto do colega, a boca, os cílios, as sobrancelhas, a bochecha, procurem massagear o rosto e o couro cabeludo suavemente, para não machucá-lo.*

*Para concluir o exercício, a professora solicita que aqueles que estão massageando os colegas, esfreguem bem uma mão na outra e depois coloquem em frente à cabeça dos colegas, sem tocá-los, procurando mentalizar uma coisa boa, para ir passando energia positiva aos companheiros. Após alguns minutos, a professora solicita que os integrantes da dupla troquem de lugar. A experiência se repete agora com as posições invertidas. Porém, com a mesma concentração anterior, os jogadores realizaram toda a atividade com os olhos fechados.*

*No momento da avaliação, a professora pergunta ao grande grupo como seus componentes estão se sentindo. Alguns comentam que ficaram com sono, outros dizem que foi relaxante. A professora destaca que o toque do “outro” é importante para a “gente”, pois cria um elo. Ela complementa: “é importante para o grupo a criação deste elo, até para poder improvisar com o colega depois”.*

Nesta atividade observei com encanto, o cuidado com que cada um tocava no rosto do colega. Foi um momento daqueles que gosto de chamar de “poético”, porque só com palavras não dá para explicá-lo. A avaliação da professora ressalta a necessidade da **interação do grupo, criação de elo, o significado do toque** no colega. Nesse momento, ela resgata a dimensão sensível do humano, o amor ao próximo presente no respeito ao outro. Quebram-se também os preconceitos, pois não escutei nenhum menino reclamando por não querer tocar no outro, nenhuma risada, como acontece em algumas situações que presenciamos no dia-a-dia dos adolescentes.

Esse “elo” criado pela atividade teatral aqui analisada fica exposto na resposta de um dos adolescentes do grupo, quando pergunto se ele tem algo a dizer sobre a experiência daquele encontro. Ele diz: *A única coisa que eu queria falar é que hoje em dia, no mundo em que se está, onde todo mundo é fechado, até por causa da violência que tem aí, o pessoal não te recebe, muitas vezes te deixa meio de lado, e essa, é a situação normal de*

*qualquer um. Aqui no teatro quando tu chegas, sendo uma pessoa nova, todos te acolhem como membro de um grupo, já vêm te puxando para dentro, não deixam tu te sentir excluído. É um troço que é bem o companheirismo mesmo, é um grupo.*

No enfoque dos trabalhos de Vygotsky, encontramos a preocupação com a construção social dos conhecimentos, sendo esse autor bastante influenciado por Marx e Engels. Vygotsky produziu seus estudos no período pós-revolucionário da Rússia, entre 1924 e a morte prematura aos 37 anos em 1934. “Preocupava-se com a construção de um projeto político de sociedade, o que o colocava em sintonia com as mudanças que se implementavam em seu país” (MARTINS, 2005, p. 39).

Entendo, como o autor Russo, que o meio interfere na formação do homem, e sustento que as possibilidades de ação humana sobre o mundo devem ser problematizadas e refletidas, porque a história nos mostra que tal movimento pode nos levar à barbárie. Sendo assim, penso que o homem também produz sua existência. Neste estudo procuro apontar alguns elementos que busquem, na ação humana refletida, a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Segundo Vygotsky,

O caráter da educação do homem é totalmente determinado pelo meio social em que ele cresce e se desenvolve. O meio nem sempre influencia o homem diretamente e imediatamente, mas de forma indireta, através de sua ideologia. Chamamos de ideologia todos os estímulos sociais que se estabeleceram no processo de desenvolvimento histórico e se consolidaram na forma de normas jurídicas, regras morais, gostos estéticos, etc. (2004, p. 286).

Para este autor, é “impossível pensar o ser humano privado do contato com um grupo cultural, que lhe fornecerá os instrumentos e signos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, tipicamente humanas” (OLIVEIRA, 1997, p. 79). A fala do adolescente de 16 anos nos mostra que, a partir das atividades com o jogo, ele percebe essa perspectiva. *Os jogos que a gente faz e as próprias tarefas que se impõem para a gente durante a oficina de teatro é que te mostram que sozinho tu não podes fazer, que tu tens que interagir com os outros e formar sua missão, digamos assim.*

Durante o jogo teatral, a professora e, principalmente, os alunos mais maduros são responsáveis por mobilizarem processos de aquisição de novas aprendizagens entre os indivíduos do grupo. A formação individual e coletiva que se encaminha pelo processo de jogo só é possível com a permanência das relações de trocas estabelecidas entre os jogadores e a professora que promove a interação.

Nos processos de interação os participantes refletem, discutem as opiniões dos outros e aprendem a defender as suas. Essas verbalizações produzidas não só acompanham a realização da tarefa, mas a orientam, num sentido de planejamento e apoio, promovendo aprendizagens durante o processo. Na fala do adolescente ele reconhece a importância do trabalho em grupo para a aprendizagem teatral: *Tento ouvir ao máximo a opinião dos colegas, porque eu acho que é uma opinião construtiva. Nós temos um grupo, nós temos uma união, nós temos que tentar ver o que é melhor para o outro. Buscar progredir, para, no momento do espetáculo, tentarmos ter uma união desse tipo e conseguirmos atuar da melhor maneira possível.*

A atividade teatral faz vir à superfície a reflexão sobre si e o outro, é o início de uma tomada de consciência necessária à construção de uma sociedade melhor, proclamada por Freire e por seus seguidores. Esses autores se expressam por uma formação humana crítica, progressista, comprometida com os problemas reais em que vivemos: miséria humana, revelada através de ganância, egoísmo, mesquinhez, que geram tantas desigualdades sociais e violência, ou seja, processos de desumanização. Segundo Freire,

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso (2006, p. 19).

Talvez o jogo teatral nos deixe “encharcados” de realidade, característica essencial para assumirmos o compromisso de transformação da sociedade, segundo Freire. Portanto, imagino que cabe sempre ao professor que promove a atividade de jogo teatral assumir a tarefa de reflexão crítica sobre os papéis assumidos pelos jogadores, em

processos de discussão grupal, em que todos são construtores e debatedores do seu fazer teatral e do seu fazer cotidiano, que se transformam em escolhas de vida.

### **Referências Bibliográficas:**

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DUARTE JR., João Francisco. *Fundamentos Estéticos da Educação*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GONÇALVES, Maria Augusta S. & BAQUEIRO, Rute V.A. “Educação e cidadania: processos sócio-cognitivos e argumentação”. In: BAQUERO, M, Castro H. C. ;Gonzalez, R. S. (org.). *A construção da democracia na América Latina*. Porto Alegre/Canoas: UFRGS/La Salle, 1998.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, Pensar e Agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. Questões Metodológicas e as Ciências Naturais e Humanas. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 22, n.70, p. 367-382, 1995.

HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviana V. Rezende. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1996.

MARTINS, João Batista. *Vygotsky & A Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

SILVA, Daisy Maria Barella. *Uma vida na escola em linguagem teatral*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 4 ed. Traduzido por Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva. 2005.

